



Joana Pereira Pinto Gentil Homem

Homens vítimas de violência na intimidade: Perceções de estudantes universitários

Trabalho realizado sob orientação de

Professora Doutora Andreia Machado

Dezembro 2018



Joana Pereira Pinto Gentil Homem

Homens vítimas de violência na intimidade: Perceções de estudantes universitários

Dissertação de Mestrado

Psicologia da Justiça

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
07/12/2018, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^ª. Doutora Ana Rita Conde Dias (Prof^ª. Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

Arguente: Prof^ª. Doutora Célia Isabel Lima Ferreira (Prof^ª Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

Orientador: Prof^ª Doutora Andreia Patrícia Guimarães Machado (Prof^ª Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Porto

Dezembro 2018

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação apenas para efeitos de investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Resumo

A violência nas relações de intimidade contra os homens esteve sempre presente na nossa sociedade, apesar de omissa. O estereótipo e a desejabilidade social são os principais fatores associados à manutenção deste fenómeno de violência nas relações de intimidade. A nível internacional e nacional, os estudantes universitários mantêm percepções inadequadas acerca desta dinâmica, e revelam-se uma das populações em que este fenómeno está presente e que o nível de prevalência é elevado. Como pertinência deste estudo pretende-se uma compreensão das percepções dos estudantes universitários, para se possível, perceber as suas origens. Ao focar nestas origens é importante intervir de forma primária, remodelando as representações e percepções que estes constroem até aqui, em função dos comportamentos por aprendizagem ao longo do “novo” conceito de uma educação mais igualitária. Sendo os jovens universitários uma população alvo de maior interesse sobre este fenómeno, foi colocado online o instrumento de autorrelato (inventário de percepções sobre violência doméstica e homicídio conjugal Este estudo abrangeu 205 estudantes universitários a nível nacional da Universidade Lusófona do Porto, com o objetivo de perceber as suas percepções acerca da violência nas relações de intimidade contra os homens. Os resultados confirmam a literatura demonstrando percepções desadequadas, sobre o fenómeno de uma forma geral. A subescala do autorreconhecimento como vítima revelou-se adequada, mas apenas em associação com o contacto direto com a violência nas relações de intimidade e no elevado ano escolar.

Palavras-chave: estudantes universitários, homens vítimas, violência na intimidade.

Abstract

Violence in intimate relationships against men has always been present in our society, though it is silent. The stereotype and the social desirability are the main factors associated with the maintenance of this phenomenon of violence in intimate relationships. At international and national levels, university students have inadequate perceptions of this dynamic and are one of the populations in which this phenomenon is present and the prevalence is high. This study aims to provide an understanding of the perceptions of university students to understand the origins of this dynamic. Focusing on these origins, it is important to intervene in a primary way, remodeling the representations and perceptions that these dynamics construct up to here, as a function of the learning behaviors along the "new" concept of a more egalitarian education. As university students are a target population of greater interest in this phenomenon, an online self-report instrument (inventory of perceptions about domestic violence and conjugal homicide) was carried out. This study covered 205 university students at the Lusophone University of Porto, with the objective of investigating perceptions around violence in intimate relationships. The results supported the literature which demonstrates inadequate perceptions on the phenomenon. The subscale of self-recognition as a victim has proved to be adequate but only in association with the direct contact with violence in intimate relationships and in the high school years.

Keywords: university students, men victims, violence in intimacy

Índice

Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice.....	iv
Índice de abreviaturas e tabelas.....	v
Introdução.....	6
Prevalência.....	7
Percepções dos estudantes universitários acerca da VRI.....	10
Relevância de estudar as percepções dos jovens.....	11
Metodologia.....	13
Amostra/participantes.....	13
Caraterização global dos participantes.....	15
Instrumentos/medidas.....	16
Procedimentos.....	16
Metodologia de análise de dados.....	17
Resultados.....	18
Discussão.....	37
Referências.....	41

Índice de abreviaturas e tabelas

APAV – Associação de Apoio à vítima

EU – Estudantes universitários

VD – Violência doméstica

VRI – Violência nas relações de intimidade

VD – Violência doméstica

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Tabela 2. Contacto com VD e tipo de relação relativo ao episódio

Tabela 3. Resposta dos participantes ao inventário

Tabela 4. Perceções sobre homens vítimas nas relações de intimidade para o total da amostra em subescalas

Tabela 5. Perceções (in)adequadas acerca de violência doméstica contra os homens no questionário total e subescalas

Tabela 6. Diferenças entre o sexo e as suas perceções em cada subescala

Tabela 7. Diferenças entre o Ano que frequenta e as suas perceções em cada subescala

Tabela 8. Diferenças entre o Contacto direto com o fenómeno de VRI contra homens e as suas perceções em cada subescala

Introdução

Durante muitos anos o fenómeno da Violência Doméstica (VD) permaneceu silenciado, devido a tratar-se de um fenómeno intrafamiliar e à escassa perceção das suas dinâmicas, o que dificultou o reconhecimento desta problemática (Douglas, 1994 citado por Crittenden, Policastro, & Eigenber, 2017). A VD começou a ser reconhecida a nível internacional na década 60 e a nível nacional no final da década de 90 (Caridade & Machado, 2006), sendo em Portugal um crime público desde 2000, de acordo com o Decreto de lei nº59/2007 de 4 de setembro.

A VD é definida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2008) como:

“qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou não, que inflija sofrimentos, físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situações análoga; ou seja que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade”.

A violência nas relações de intimidade (VRI), é todo o ato de abuso físico, sexual, psicológico, económico ou social entre (ex) parceiros íntimos em relações homossexuais ou heterossexuais (McDermott, 2013). Assim, atualmente, a VRI reconhece-se como sendo um fenómeno multifacetado, em que homens e mulheres podem ser vítimas ou perpetradores e/ou cuja violência pode ser bidirecional (Graham-Kevan & Archer, 2003 citado por Machado, 2016).

No que diz respeito às perspetivas que dominam a investigação deste fenómeno, verifica-se a existência de duas vertentes: a feminista e da sociologia da família (Archer, 2000). A perspetiva feminista sustenta-se em ideias patriarcais, defendendo que os homens são os principais perpetradores da VRI (Archer, 2000). Numa visão mais atual, a perspetiva dos sociólogos da família, defende que nas relações de intimidade ambos os sexos podem exercer violência (e.g., Casimiro, 2002; Machado & Matos, 2014). A partir do século XX existe uma larga investigação sobre a igualdade de género, o que facultou que muitos estudos se pronunciassem sobre homens vítimas em relações de intimidade (Wall et al., 2016).

A literatura demonstra ainda que as mulheres sempre perpetraram violência contra os homens, no entanto esta forma de violência estava subentendida por diversos fatores (Fiebert, 1997 citado por Hearn & McKi, 2010), como por exemplo, os homens com a

necessidade de não denegrir o papel de gênero de “homem”, não assumiam o papel de vítima (e.g., Locke & Richmman, 1999; Rodrigues et al., 2011). Consequentemente, os homens demonstram uma grande dificuldade em denunciar estes atos de violência (Douglas, 1994; Kozol, 1995; Menor, 1994 & Willis, 1994, citado por Crittenden et al., 2017).

Prevalência e impacto do fenómeno em estudantes universitários

No que diz respeito à prevalência do fenómeno, estudos realizados nos Estados Unidos revelam que 25% e 50% dos homens num ano, são vítimas de VRI (Breiding et al., 2014). Uma análise de diversas investigações em países de língua inglesa, mostra que 25% dos casos relatados são de homens vítimas de VRI (Desmarais, Reeves, Nicholls, Telford & Fiebert, 2012).

Em Portugal, nos últimos anos tem se notado um aumento significativo de homens vítimas que atualmente se mantém nos 21% (RASI, 2017) sendo que das 3076 das vítimas (9,5%) são jovens entre a faixa etária dos 16 aos 24 anos, onde se espera que grande maioria sejam universitários.

No que diz respeito aos jovens universitários em particular, segundo a literatura, estes parecem constituir-se um grupo de risco (Cornelius & Resseguie, 2007).

Um estudo de Straus (2007), em 32 países com estudantes universitários (EU) ($n=13,601$), que investigou a simetria e a dominância da violência física entre parceiros íntimos, revelou que quase um terço dos EU mantêm ou mantiveram um padrão de violência bidirecional (68.6%) com os seus parceiros nos últimos 12 meses, seguido do padrão de violência perpetrada apenas por mulheres (21.4%), e por fim, por homens (9.9%). Corroborando um estudo de Aldrighi (2004) com uma amostra de 455 casais de jovens EU, constatou-se uma percentagem significativa de violência mútua (72.4%), sendo que 14.5% da violência era perpetrada por mulheres e 13.2% por homens. Num estudo representativo das atitudes em relação à VRI, com EU dos Estados Unidos ($n=1.645$), as taxas de VRI mostram-se elevadas com 22% das mulheres e 14% dos homens vítimas. Apurando-se ainda que a maioria destes, experienciaram comportamentos de VRI de alguma forma, antes dos 25 anos (Crittenden et al., 2017). Corroborando um estudo de Milletich e colaboradores (2010) citado por Desmarais e colaboradores (2012), com 703 participantes EU de afro-americanos, asiáticos e latinos, 31% dos participantes do sexo masculino revelou experiências de VRI.

Uma investigação de Gover, Kaukinen e Fox (2008), com 2500 EU, revelou que o sexo feminino relata com mais frequência a perpetração de violência física nas

relações de namoro do que os homens. Corroborando assim os resultados de Luthra e Gidycz (2006), com uma amostra de 200 EU, que referem que 83% das mulheres admitiram perpetrar violência e apenas 30% dos homens relataram ser agressores.

Um projeto de investigação europeu (DOVE), que avalia a frequência de VRI e os fatores relacionados com a saúde, revelou uma prevalência mais elevada nos homens (18.4%) do que nas mulheres (5.9%), de violência física bidirecional ao longo da vida. Entre jovens na faixa etária dos 18 aos 24 anos ($n = 3.496$), numa sub amostra em que 12.3% são rapazes e 12.5% são raparigas, revelam que a nível da saúde mental e da saúde física, os homens ($M = 8.15$; $DP = 5.39$) apresentam valores baixos em relação às mulheres ($M = 10.71$; $DP = 5.61$). Revela assim que as mulheres mostram uma maior qualidade de vida em relação aos homens nestas dimensões (Costa et al., 2014).

As investigações realizadas em Portugal, em EU, têm sido significativas no que diz respeito a comportamentos de VRI. Machado, Matos e Moreira (2003) desenvolveram um estudo com uma amostra de 526 EU e os resultados revelaram que 15.5% dos jovens envolvidos em relações de intimidade já foram vítimas, e 21.7% admitiram ter perpetrado VRI. Numa outra investigação portuguesa, realizada por Caridade (2011) cuja amostra foi de 4667 jovens com diferentes níveis de formação (ensino secundário e universitário), os resultados obtidos sugerem que 19.5% dos jovens sofreram de violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de agressões mais severas. No que diz respeito a jovens que admitiram ser perpetradores apresenta-se uma percentagem de 30,6.

As últimas estatísticas do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI, 2017) revelam que a VD diminuiu em 0.8% de 2016 para 2017, com 22.599 ocorrências registadas pelas forças de segurança, descendo de segundo para terceiro crime mais participado. No entanto, demonstra um aumento da vitimação de homens nos últimos dois anos de 19.3% para 21% entre 2015 e 2017 e um decréscimo não significativo nas mulheres de 80.7% para 79% de ocorrências registadas pela GNR e PSP. Relativamente à faixa etária dos possíveis jovens universitários, deparamo-nos com um aumento de ocorrências relativas a vítimas, de 9.2% para 9.5%, e de denunciados de 5.7% para 6%. A violência psicológica, com 82% dos casos reportados é a forma de violência mais reportada, seguida da violência física (67%), da violência social (17%), da violência económica (9%) e por fim da violência sexual (3%) (RASI, 2017).

Segundo as estatísticas da APAV os pedidos de apoio de homens vítimas entre 2000 e 2012 aumentaram significativamente de 62 para 981 pedidos (APAV, 2016).

Entre 2013 e 2015, 85.46% das vítimas são do sexo feminino e 14,03% do sexo masculino, verificando-se uma subida de 15% dos casos de homens vítimas (APAV, 2016). No ano de 2017, o número de homens vítimas que procurou a APAV aumentou significativamente – 1.566 pedidos de ajuda (17%). Nos estudantes do ensino superior registou-se uma percentagem de 8.4%.

Por fim, é importante mencionar que a literatura é consensual a atestar que a VRI acarreta consequências para a saúde, ao nível da saúde mental e lesões físicas, a curto e longo prazo, quer para a vítima, quer para o perpetrador (Breiding et al., 2014; Taylor & Mumford, 2016). As vítimas podem ter maior probabilidade de experimentar e perceber a sua saúde como pobre (Hines & Douglas, 2015). A nível emocional pode traduzir-se numa dimensão mais traumática, depressiva, ou até mesmo desenvolver síndromes de ansiedade ou pânico (Barroso, 2008). Especificamente, as vítimas podem sofrer distúrbios cognitivos e de ansiedade, fobias, sentimentos de medo, culpa e vergonha, danos físicos, redução da auto-estima, isolamento social, comportamentos depressivos, alterações na imagem corporal, disfunção sexual e transtorno de estresse pós-traumático (e.g., Hines & Douglas, 2011, Randle & Graham, 2011). Numa análise metodológica dos estudos de prevalência em homens vítimas nas relações de intimidade, concluiu-se que o facto do homem se assumir como vítima traz diversas ameaças ao seu autoconceito, como vergonha, medo de não serem entendidos e pelo escasso sistema de apoio ainda pouco existentes em Portugal (Machado & Matos, 2014).

Percepções dos estudantes universitários acerca da VRI

A nível internacional, um estudo realizado por Fierbert (1996), comparou as percepções dos EU ($n = 371$) face a homens vítimas e a mulheres com comportamentos agressivos, e verificou que 32% dos rapazes e 39% das raparigas estavam conscientes de que as mulheres agredem homens tão frequentemente quanto homens maltratam mulheres, enquanto que 68% homens e 61% mulheres indicaram que não tinham noção de que este fenómeno acontecia com a mesma regularidade. Bryant e Spencer (2003) citado por Crittenden e colaboradores (2017); Hamby e Jackson (2010), citado por Crittenden e colaboradores (2017), já tinham proferido num estudo sobre as atitudes face à violência no namoro entre estudantes universitários, que o sexo é um fator significativo que influencia as percepções de VRI. De acordo com este estudo, o sexo é o preditor mais importante, mas a orientação sexual também influencia o risco de vitimização e o contexto da vitimização, nomeadamente os não heterossexuais revelam ser menos sexistas (Langhinrichsen-Rohling et al., 2004). Participantes com níveis mais elevados de

religiosidade e idade avançada, são menos propensos a justificar a violência no relacionamento, e menos tolerantes às relações não saudáveis (Policastro & Payne, 2013).

No seguimento de um relatório europeu, Special Eurobarometer 449, foi realizado um Inquérito em 2016, a pedido da Comissão Europeia, com uma amostra de participantes da Comunidade Europeia ($n = 27.818$), em que se concluiu que três em dez participantes referem que a VD contra homens é comum no seu país. Especificamente 24% dos participantes referem que a VD contra homens é bastante comum no seu país. Na faixa etária entre os 15-24 anos, 34% das mulheres, e 24% dos homens consideram a VD contra o homem é comum. Segundo a análise destes resultados, concluiu-se ainda que em relação à questão “razões para não falar com ninguém sobre o fenómeno de VD”, os jovens desta faixa etária, comparativamente com as outras faixas etárias, apresentam a resposta mais significativa “não era da nossa conta” (26%) em que 43% são mulheres e 32% são homens.

Em Portugal, o estudo de Lameira (2013) acerca das representações sociais e atribuições sobre a violência conjugal em estudantes de mestrado integrado de psicologia, observou que os alunos dos últimos anos, comparativamente com os alunos dos primeiros, não apresentam discrepâncias significativas nos resultados, relativamente às crenças da violência entre parceiros íntimos, contrariamente aos estudos de: Paiva (2010) e Aguillar (2010) que concluíram que o homem legitima a violência perpetrada pelas mulheres, justificando com possíveis fatores externos (e.g., consumo de álcool e/ou drogas); e ainda com o estudo de Casimiro (2002) que confirma que a violência perpetrada pelas mulheres é legitimada como ato de defesa perante o homem.

Identifica-se os jovens universitários portugueses como uma população alvo pela participação em um estudo de Paiva e Figueiredo (2004) que concluíram que 53%, ou seja, mais de metade da amostra revelaram ter perpetrado um tipo de violência.

Um outro estudo com EU ($n = 344$) que procurava compreender as perceções dos mesmos acerca da penalização do homicídio conjugal, concluiu que os participantes concordaram que os homens devem ser mais penalizados do que as mulheres pelo mesmo tipo de crime, mantendo assim uma perceção desajustada acerca do fenómeno de VRI (Sebastião, 2014).

Outros estudos nacionais, com diferentes classes profissionais, demonstram que o nível de escolaridade superior resulta em perceções mais ajustadas face a este fenómeno, mas também pela influência do contacto diário a nível profissional com o fenómeno de VRI (e.g., Magistrados do Ministério Público, juízes do Tribunal Penal e

deputados da Assembleia da República em Portugal (Cláudio & Matos, 2010).

Relevância de estudar as percepções dos jovens

A pertinência deste estudo é a compreensão das percepções dos EU acerca da VRI, para que seja possível perceber as origens das percepções desajustadas e intervir de forma primária, remodelando as representações e percepções que a sociedade construiu até aqui, em função dos comportamentos por aprendizagem ao longo do “novo” conceito de uma educação mais igualitária.

Uma vez identificados os EU como uma população de risco deste fenómeno, devidamente identificados os fatores que podem contribuir para a manutenção do fenómeno (e.g., estereótipo de gênero, crenças na necessidade de ajuda e falta de reconhecimento de recursos disponíveis e habilidades de comunicação) são reveladas percentagens significativas de violência mútua (Cornelius & Resseguie, 2007)

Posto isto, para a compreensão da violência entre parceiros íntimos, é de grande importância que se analisem as representações e crenças que neste caso os EU constroem em torno de tais comportamentos.

Além disso, é relevante perceber o impacto que as percepções dos jovens de hoje, terão, nas gerações seguintes visto que é nesta faixa etária que se inicia uma multiplicidade de experiências em relacionamentos de intimidade. Como forma de resposta a esta dinâmica, a literatura revela que os jovens adotam uma postura de legitimação das práticas inadequadas (Caridade & Machado, 2006).

Posto isto, sabendo-se pela literatura que a denúncia destes crimes implica constrangimento público (Conde & Machado, 2010), é importante perceber como é que os EU percecionam este tema. A consciencialização dos mais jovens, pode vir a transformar futuramente as gerações mais velhas, com a oportunidade de intervir para moldar atitudes e comportamentos, nesta fase onde são iniciados os primeiros relacionamentos afetivos (Sudermann, Jaffe & Hastings, 1995 citados por Cornelius & Resseguie, 2007).

O presente estudo visa assim perceber as percepções dos EU em relação à VD contra homens, com o foco na reflexão sobre importância de avaliar as percepções dos estudantes universitários (EU), pois é nesta faixa etária e neste nível de ensino que o pensamento crítico é desenvolvido:

“Com pensamento crítico, há flexibilidade cognitiva para aceitar a coexistência de perspetivas dissimilares sobre um mesmo tema, e o erro é parte inseparável do processo de aprender” (Facione, 2011 citado por Franco & Almeida, 2011 p.87).

Além disso, há estudos que revelam que metade das adolescentes vítimas de violência na intimidade, estiveram expostas a violência interparental (O'Keefe et al. 1986 citados por Glass, Fredland, Yonas, Sharp, & Kub, 2003), o que pode significar que as crenças que os EU desenvolvem podem já existir por experiências vividas ou interiorizadas sobre a influência cultural. A exposição a este tipo de violência pode culminar num fator de risco para a vitimização de violência nas relações de intimidade na juventude (Follingstad et al., 1992 citados por O'keefe, 1998).

A nível nacional já foram realizados estudos acerca das percepções das forças policiais e dos magistrados, e estão também em curso estudos com técnicos de apoio à vítima e com profissionais de saúde. No entanto, ainda não foram realizados estudos que avaliem as crenças dos jovens universitários face à VRI contra os homens.

O presente estudo tem como objetivo conhecer as percepções dos EU em relação ao fenómeno de VRI contra homens. Neste estudo determinaram-se algumas hipóteses: (H1) Os EU apresentam percepções desadequadas face à VRI contra os homens; (H2) Os EU do sexo feminino apresentam percepções mais ajustadas que o sexo masculino; (H3) Os EU com um nível mais avançado na carreira académica apresentam percepções mais ajustadas comparativamente aos EU com menos escolaridade; (H4) O contacto direto ou indireto com VRI está relacionado com percepções mais ajustadas sobre o fenómeno.

Metodologia

Participantes/Amostra

A amostra recolhida de forma aleatória simples foi de 741 participantes de todas as faixas etárias devido à recolha conjunta da amostra para a realização de outra tese em que se queria obter respostas da comunidade em geral. Tendo em conta os critérios de inclusão da faixa etária entre os 18 e os 25 anos e que estivessem ainda a estudar no ensino universitário, abrangendo desde o 1º ano de licenciatura até ao Doutoramento, a amostra final foi constituída por 205 participantes.

Como referido na Tabela 1, dos 205 estudantes universitários, 81,5% são do sexo feminino e 18,5% do sexo masculino, na faixa etária dos 18 aos 25 anos ($M = 22,26$; $DP = 2,004$). O nível de escolaridade da grande parte dos participantes concentrou-se na Licenciatura (79.0%). A área mais abrangida por maioria foi de Ciências Sociais, Comércio e Direito, com 56.1%. Os participantes são maioritariamente de nacionalidade portuguesa (93,7%).

Tabela 1.

Caracterização dos participantes (n=205)

	Participantes
	%
Sexo	
Masculino	18.5
Feminino	81.5
Nacionalidade	
Portuguesa	93.7
Outras	5.8
Licenciatura	79.0
1º ano	23.9
2º ano	37.6
3º ano	31.7
Mestrado	11.2
Mestrado Integrado	9.3
4º ano	5.4
5º ano	1.5
Doutoramento	0.5
Área de Formação	
Educação	6.3
Artes e Humanidades	8.3
Ciências Sociais, Comércio e Direito	56.1
Ciências, Matemática e Informática	9.3
Eng., indústrias transformadoras e construção	3.9
Agricultura	2.4
Proteção Social	8.8
Serviços	4.9

Contacto com VD e tipo de relação relativo ao episódio

Ao nível do contacto com o fenómeno de VD o que prevaleceu foi o contacto indireto (52,2%), nomeadamente em violência contra crianças (47.8%) e de seguida violência entre parceiros/as (33.2%). Já em relação ao contacto direto (22.4%), revelou-se ser a violência no namoro (10.2%) a mais significativa.

Tabela 2.

Contacto com VD e tipo de relação relativo ao episódio (n=205)

	Participantes
	%
Contacto indireto com VD	
Sim	52,2
Não	47,8
Tipo de relação do episódio de VD	
Violência entre parceiros/as	33,2
Violência contra crianças	47,8
Violência entre ex-parceiros/as	2,4
Violência contra idosos	3,9
Violência no namoro	11,2
Contacto direto com VD	
Sim	22,4
Não	77,6
Tipo de relação do episódio de VD	
Violência entre parceiros/as	9,8
Violência contra crianças	2,4
Violência entre ex-parceiros/as	0,5
Violência no namoro	10,2

Instrumentos/medidas

Para este estudo, foi utilizado um instrumento de auto-relato (Inventário de Percepções sobre Violência Doméstica e Homicídio Conjugal (Carvalho, G., Machado, A., & Matos., 2016; versão de investigação) constituído por duas partes, sendo que a primeira faz referência a variáveis sociodemográficas (e.g., sexo, idade, estado civil, formação académica), e tem ainda o foco de perceber se os EU reportam experiências de VD ao longo da sua vida (e.g., Já alguma vez observou/teve contacto com violência doméstica; Já alguma vez experienciou diretamente violência doméstica). A segunda parte do inventário é constituída por uma escala tipo Likert com 5 opções de resposta: *“discordo muito”, “discordo”, “nem discordo, nem concordo”, “concordo”, “concordo muito”*, que contem afirmações sobre as percepções da VD contra homens. O questionário é constituído por 50 afirmações, organizadas em 10 subescalas: Gravidade e severidade (SubGS – A2, A4, A40, A42), Características do homem vitima (SubCHV- A5, A6, A8, A12, A35, A47), Denúncia (SubD- A16, A37, A39), Medidas judiciais e de proteção (SubMJP- A11, A17, A32, A38), Tipos de violência (SubTV- A18, A21, A24), (Auto)Reconhecimento (SubAR- A1, A3, A43, A46), Homicídio Conjugal (SubHC- A19, A26, A41, A45), Razões para agressão (SubRA- A7, A9, A13, A14, A22, A23, A25, A30, A34, A36), Motivos para permanência na relação (SubMP- A15, A27, A28, A31, A33) e Aspectos sociais associados aos homens vitimas (SubAS- A10, A20, A29, A44).

Quanto maior for o valor total obtido no inventário, mais ajustadas seriam as percepções sobre o fenómeno de VRI. A pontuação varia entre 0 a 188.

Procedimentos

Para a realização desta investigação primordialmente foi solicitada a autorização aos autores do instrumento para a sua utilização no âmbito desta investigação. Em seguida foi realizada uma ligeira adaptação ao instrumento inventário de percepções sobre violência doméstica e homicídio conjugal (Carvalho, G., Machado, A., & Matos., 2016; versão de investigação). O instrumento foi introduzido na plataforma eSurvey Creator, com o intuito de facilitar a divulgação online, tanto via email como através das redes sociais. Para o envio por email, foi efetuado um pedido formal à Universidade Lusófona do Porto para que procedesse ao envio do inventário à comunidade académica. Foi concebido um consentimento informado onde está contemplada uma breve explicação da participação de carácter anónimo e voluntário. Foi ainda referido que após a conclusão da investigação, os participantes, se interessados poderiam aceder aos resultados da mesma. O instrumento esteve online durante os meses de Fevereiro a Abril de 2018.

Metodologia de análise de dados

Os dados foram tratados com recurso ao programa IBM SPSS- Statistical Package for the Social Sciences (SPSS: versão 25). Como primeiro momento de análise, foi realizada uma análise descritiva, correspondendo à média, à moda e à mediana das variáveis.

No questionário, 14 afirmações foram designadas como adequadas onde a pontuação máxima correspondia à resposta que “*concordo muito*” (e.g., “*Os homens e as mulheres têm igual tendência para se envolver em situações de violência doméstica.*”). Para afirmações consideradas mitos, o máximo de resposta foi “*discordo muito*” (e.g., “*Nos casos de violência doméstica entre parceiros, só pode haver uma vítima e um(a) agressor(a).*”). Zero pontos, foram atribuídos quando o participante não declarou a sua opinião.

Para um melhor entendimento das perceções, calculamos a média total de cada participante para variar entre 1 e 5. Em seguida, as variáveis foram recodificadas para 0-4; para corresponder a "perceções inadequadas" de 0.1 a 2.49; 2.5 a 4 para corresponder a "perceções adequadas". Para efeitos de leitura de resultados o 0 foi classificado como sem posicionamento na opinião.

Em relação às subescalas a recodificação consistiu em dividir o resultado obtido em cada subescala pelo seu número de itens. Depois de ser recodificado, cada subescala pode variar entre 0-4, independentemente do número de itens incluídos.

No segundo momento da análise, considerando as hipóteses formuladas para esta pesquisa, foi realizada uma análise exploratória com testes de comparação de grupos para explorar as diferenças entre grupos com uma variável dependente como o *T-Student* e alternativa não paramétrica *Mann Whitney*, para avaliar se havia diferenças entre sexo; idade; ano que frequentava; tipo de violência que tiveram contacto; e contacto direto e indireto, ao nível das perceções acerca do fenómeno de VRI contra homens. Foram ainda utilizados testes de comparação de grupos (desings inter-sujeitos) para testar a diferença entre três ou mais grupos, a alternativa não paramétrica *Kruskal Wallis*; testes de associação como o *Ponto Bisserial* para confirmar se existia associação entre as variáveis.

Resultados

A pontuação média demonstrou que os EU possuem perceções desajustadas acerca do fenómeno de VRI ($M = 82.62$; $DP = 18.91$).

A percentagem de resposta mais elevada ao nível das perceções mais adequada foi na afirmação “Os homens tendem a reportar menos os incidentes de violência

doméstica do que as mulheres.” (91.7%). E a afirmação com uma percentagem mais desadequada foi a afirmação “Os homens só são vítimas de violência psicológica e/ou verbal.” (93.2%). O item em que a maioria dos participantes não se posicionaram foi “*A violência doméstica contra os homens é mais frequente entre parceiros do que entre ex-parceiros*” (49,8%) (Tabela 3)

Tabela 3.

Respostas dos participantes ao inventário (n=205)

Itens	Percepção adequada	Sem posição	Percepção desadequada
	%	%	%
1- Nos casos de violência doméstica entre parceiros, só pode haver uma vítima e um(a) agressor(a).	9.8	7.3	82.9
2- As consequências da violência doméstica são mais graves nas mulheres do que nos homens.	14.6	9.8	75.6
3- Os homens e as mulheres têm igual tendência para se envolver em situações de violência doméstica.	54.1	12.7	33.2
4- Num casal, é mais grave um homem dar um estalo à parceira/ex-parceira do que uma mulher dar um estalo ao parceiro/ex-parceiro.	10.3	3.9	85.9
5- Os homens que são vítimas de violência doméstica são economicamente dependentes da parceira/ex-parceira.	7.8	25.9	66.3
6- Os homens vítimas de violência doméstica têm poucos estudos/baixa escolaridade.	4.9	18	77.1
7- São os ciúmes e a desconfiança que tornam as mulheres agressivas com os seus parceiros.	31.7	37.1	31.3

8- Qualquer homem pode ser vítima de violência doméstica.	84.4	7.8	7.8
9- As mulheres só agredem os parceiros/ex-parceiros para defender os/as filhos/as.	1.5	9.3	89.2
10- Os homens tendem a reportar menos os incidentes de violência doméstica do que as mulheres.	91.7	5.4	2.9
11- As instituições de atendimento a vítimas estão preparadas para atender homens vítimas de violência doméstica.	19.5	34.6	45.8
12- A violência doméstica contra os homens, é mais frequente entre cônjuges (ou semelhante) do que entre namorados (ou semelhante).	16.1	43.4	40.5
13- A não-aceitação do fim de uma relação íntima leva a que muitas mulheres sejam agressivas com os seus parceiros.	53.7	36.1	10.3
14- As mulheres só agredem os parceiros/ex-parceiros quando são vítimas de violência prolongada no tempo (isto é, ao longo de muitos anos).	4.9	24.4	70.7
15- O receio de não voltar a ver os/as filhos/as impede os homens vítimas de violência doméstica de abandonar a relação.	52.2	29.3	18.6
16- Os homens vítimas de violência doméstica não apresentam queixa porque acreditam que há uma falta de apoio por parte das instituições quando se trata de vítimas homens.	56.6	21	22.5
17- Nos casos de violência doméstica, é mais importante proteger uma mulher do que um homem, mesmo quando não há certezas quanto ao autor da violência.	12.2	6.8	81
18- Em casos de violência doméstica, os homens dificilmente são vítimas de violência física por parte da parceira/ex-parceira.	17.1	11.7	71.2
19- As mulheres só matam os parceiros/ex-parceiros para defender os/as filhos/as.	3.9	14.1	82

20- Nos casos de violência doméstica, o homem só é agredido se quiser. Caso contrário, tem força suficiente para travar a parceira/ex-parceira.	5.4	8.8	85.9
21- Os homens dificilmente são vítimas de violência sexual.	16.6	18.5	64.9
22- As mulheres só agredem os parceiros/ ex-parceiros, quando há historial de abuso de substâncias (ex.: álcool, droga) por parte de um dos membros do casal.	4.4	11.2	84.4
23- Os homens só são vítimas de violência doméstica quando as parceiras/ ex-parceiras têm problemas de saúde mental.	5.4	9.8	84.8
24- Os homens só são vítimas de violência psicológica e/ou verbal.	2.9	3.9	93.2
25- As mulheres só recorrem à violência em momentos de “desespero” ou quando “perdem a cabeça”.	9.7	18.5	71.7
26- Em casos de violência doméstica, as mulheres matam os parceiros/ex-parceiros apenas em legítima defesa.	8.3	17.6	74.1
27- Só os homens com baixa auto-estima é que permanecem numa relação íntima abusiva.	29.3	23.4	47.3
28- O medo de represálias e/ou retaliações por terceiros (ex: filhos, familiares) levam os homens vítimas de violência doméstica a manter-se em relações abusivas.	53.1	31.2	15.6
29- É mais fácil para um homem sair de uma relação abusiva do que para uma mulher.	18.5	24.9	56.6
30- São os problemas de comunicação no casal que levam as mulheres a ser violentas com os seus parceiros.	23.5	32.2	44.4
31- Os homens mantêm-se numa relação íntima abusiva por vergonha do que os outros vão pensar deles se souberem que são vítimas de violência doméstica.	74.6	19.5	5.9

32- Nos casos de violência doméstica, os homens devem ter penas superiores às das mulheres.	4.4	9.3	86.3
33- A dependência emocional é um dos fatores de permanência dos homens vítimas em relações íntimas que são abusivas.	60.9	29.3	9.8
34- As mulheres agredem o parceiro sobretudo com intenção de exercer poder/controlar sobre ele.	61.9	27.8	10.3
35- A violência doméstica contra os homens é mais frequente entre parceiros do que entre ex-parceiros.	32.2	49.8	18.1
36- Em casos de violência doméstica, as mulheres agredem os parceiros/ex-parceiros apenas em legítima defesa.	5.9	16.6	77.6
37- Os homens vítimas de violência doméstica não denunciam as suas parceiras com receio de que não acreditem na sua história.	62.9	22.4	14.7
38- Os homens vítimas de violência doméstica não precisam de uma casa-abrigo.	3.9	4.9	91.2
39- Os homens vítimas de violência doméstica não denunciam as suas parceiras por vergonha de serem vistos como vítimas.	76.6	16.6	6.9
40- Quando quer o homem quer a mulher são vítimas de violência doméstica, a agressão física perpetrada pela mulher é menos grave do que a agressão física perpetrada pelo homem.	9.3	13.7	77.1
41- As mulheres só matam os parceiros/ex-parceiros quando são vítimas de violência prolongada no tempo (isto é, ao longo de muitos anos).	10.3	21.5	68.3
42- Em casos de violência doméstica, os homens raramente são as primeiras vítimas.	14.2	33.7	52.2
43- Nos casos de violência doméstica onde a violência é bidirecional (i. é., ambos os parceiros são autores da violência), é mais fácil uma mulher reconhecer-se como vítima do que um homem.	68.7	23.4	7.8

44- Os homens só apresentam queixa porque se querem vingar da parceira/ ex-parceira	7.8	23.4	68.8
45- As mulheres só matam os parceiros/ ex-parceiros, quando há historial de abuso de substâncias (ex.: álcool, drogas) por parte de um dos membros do casal.	3.9	17.6	78.6
46- É mais fácil uma mulher reconhecer-se como vítima de violência doméstica do que um homem.	76.6	15.1	8.3
47- Os homens que são vítimas de violência doméstica são emocionalmente dependentes da parceira/ex-parceira.	42,.9	31.7	25.4

Tabela 4.

Percepções sobre homens vítimas nas relações de intimidade para o total da amostra em subescalas

	M	DP
Total do questionário	1.75	0.40
Denúncia	2.36	0.97
(Auto)Reconhecimento	2.23	0.68
Motivos para permanência na relação	2.06	0.79
Aspetos sociais associados aos homens vítimas	1.92	0.52
Tipos de violência	1.69	0.58
Características do homem vítima	1.66	0.57
Razões para agressão	1.59	0.51
Motivos judiciais e de proteção	1.48	0.49
Gravidade e Severidade	1.48	0.56
Homicídio Conjugal	1.44	0.59

Entre os participantes, obteve-se médias referentes a percepções desajustadas em todas as subescalas em que a subescala com média mais elevada foi a Denúncia ($M = 2,36$; $DP = 0,97$), e a com média mais baixa o Homicídio conjugal ($M = 1,44$; $DP = 0,59$) (Tabela 4).

Como já referido, foi calculada a média total de cada participante. Essa média só pode variar entre 0 e 4, como para as subescalas. Isso permitiu encontrar a percentagem de participantes com percepções adequadas / inadequadas e participantes sem posicionamento para todo o questionário e para cada subescala. A nível das percepções gerais do questionário, obteve-se uma percentagem de 97,6% de percepções inadequadas (Tabela 5).

Tabela 5.

Percepções (in)adequadas acerca de violência doméstica contra os homens no questionário total e subescalas

	Percepção adequada	Sem posição	Percepção desadequada
	%	%	%
Total do questionário	2.4	-	97.6
Gravidade e severidade	5.8	1.0	93.2
Características do homem vítima	11.7	0.5	87.8
Denúncia	52.2	3.4	44.4
Medidas judiciais e de proteção	3.4	-	96.6
Tipos de violência	9.3	0.5	90.2
(Auto) Reconhecimento	52.2	1.0	46.8
Homicídio Conjugal	3.4	2.9	93.7
Razões para agressão	1.5	0.5	98.0
Motivos para permanência na relação	39.0	3.4	57.6
Aspetos sociais associados aos homens vítimas	16.6	1.0	82.4

Sexo

Em relação ao sexo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($U = 2648.50$, $p = .112$), no entanto, nas diferentes subescalas, foram encontradas diferenças significativas quanto à adequação das percepções ao nível da subescala de HC entre o sexo feminino e

masculino ($U = 2457.00$, $p = .028$). O sexo feminino relatou percepções mais ajustadas em relação ao HC (Ordem média = 107.28) do que o sexo masculino (Ordem média = 84.16) conforme demonstrado na tabela 6.

Tabela 6.

Diferenças entre o sexo e as suas percepções em cada subescala

	Feminino		Masculino		<i>U*</i>
	M	DP	M	DP	
Valor total	1.77	0.39	1.68	0.43	2648.50
Gravidade e severidade	1.49	0.56	1.43	0.59	2946.00
Características do homem vítima	1.66	0.57	1.66	0.56	3131.50
Denúncia	2.40	0.99	2.19	0.87	2620.50
Medidas judiciais e de proteção	1.48	0.50	1.51	0.49	3031.00
Tipos de violência	1.68	0.58	1.72	0.62	3113.00
(Auto)Reconhecimento	2.24	0.66	2.19	0.73	2993.50
Homicídio Conjugal	1.49	0.57	1.23	0.67	2457.00*
Razões para agressão	1.61	0.50	1.47	0.58	2690.00

Motivos para permanência na relação	2.07	0.80	2.00	0.72	2923.50
Aspetos sociais associados aos homens vítimas	1.94	0.49	1.85	0.64	2941.50

*p <.05

**p <.01

*** p<.001

Ano que frequenta

A análise descritiva evidenciou que a média da pontuação total obtida pelos participantes do 5º ano foi maior ($M = 1.99$; $DP = 0.11$) quando comparada aos participantes dos outros anos: 2º ano ($M = 1.78$; $DP = 0.44$); 1º ano ($M = 1.77$; $DP = 0.29$); 3º ano ($M = 1.73$; $DP = 0.38$); 4º ano ($M = 1.57$; $DP = 0.58$). No entanto, perante o valor da probabilidade de $p < 0.341$, não estatisticamente significativo, conclui-se que não existem diferenças significativas entre os grupos em comparação.

Nas diferentes subescalas, não foram encontradas diferenças significativas quanto à adequação das percepções segundo o ano que frequenta, à exceção da subescala de autorreconhecimento que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os anos ($\chi^2 (4) = 10.458$, $p = .033$). O 5º ano (posto médio = 169.00), revelou valores mais significativos em relação aos outros anos 1º ano (Posto médio = 90.36); 2º ano (Posto médio = 113.49; 3º ano (Posto médio = 94.67); 4º ano (Posto médio = 117.14).

Foi ainda testado o nível da escolaridade, e não se encontraram também diferenças estatisticamente significativas nas diferentes subescalas, exceto na subescala de MJP ($\chi^2(3) = 8.708$, $p = .033$). Os EU que frequentam o Mestrado revelam percepções mais ajustadas face aos motivos judiciais e de proteção (Ordem média = 112.48) face aos EU de outro nível de ensino Licenciatura (Ordem média= 105.86); Mestrado Integrado (Ordem média= 71.82; Doutoramento (Ordem média = 14.00).

Tabela 7.

Diferenças entre o Ano que frequenta e as suas percepções em cada subescala

	1ºano		2ºano		3º ano		4º ano		5º ano		χ^2
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Valor total	1.77	0.29	1.78	0.44	1.73	0.38	1.57	0.58	1.99	0.11	4.512
Gravidade e severidade	1.56	0.52	1.42	0.59	1.53	0.58	1.34	0.47	1.16	1.44	4.212
Características do homem vítima	1.66	0.51	1.73	0.57	1.58	0.59	1.57	0.64	1.94	0.41	4.217
Denúncia	2.38	0.85	2.22	0.94	2.29	1.01	2.45	1.31	1.66	1.66	1.991
Medidas judiciais e de proteção	1.39	0.47	1.54	0.55	1.44	0.44	1.20	0.43	1.25	0.25	6.180
Tipos de violência	1.73	0.56	1.66	0.63	1.74	0.54	1.30	0.48	2.00	0.66	6.590
(Auto)Reconhecimento	2.12	0.64	2.32	0.67	2.15	0.68	2.38	0.82	2.83	0.14	10.458*
Homicídio Conjugal	1.51	0.52	1.42	0.66	1.31	0.48	1.22	0.99	1.83	0.28	8.864
Razões para agressão	1.62	0.45	1.59	0.53	1.58	0.53	1.34	0.62	2.06	0.25	5.245

Motivos para permanência na relação	2.00	0.68	2.19	0.84	2.06	0.75	1.65	1.03	2.33	0.94	5.432
Aspetos sociais associados aos homens vítimas	1.89	0.44	1.98	0.56	1.91	0.51	1.65	0.64	2.41	0.28	9.094

* $p < .05$

** $p < .01$

*** $p < .001$

Contacto direto com o fenómeno de VRI contra os homens

A média da pontuação total obtida pelos EU que não tiveram contacto direto com a VRI, segundo a análise descritiva, revelou percentagens mais baixas (77.6%) do que os que mantiveram contacto direto (22.4%).

No entanto as médias demonstram perceções inadequadas, sendo que os EU que tiveram contacto direto ($M = 1.83$; $DP = 0.35$) assim como os que não mantiveram contacto direto ($M = 1.74$; $DP = 0.41$). Porém não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($U = 3265.00$, $p = .268$).

Tabela 8.

Diferenças entre o Contacto direto com o fenómeno de VRI contra homens e as suas perceções em cada subescala

	<i>R pb</i>
Total inventário	- .092
Gravidade e severidade	- .091
Características do homem vítima	- .104
Denúncia	- .109
Medidas judiciais e de proteção	.050
Tipos de violência	- .101
(Auto)Reconhecimento	- .155*
Homicídio Conjugal	.009
Razões para agressão	- .054
Motivos para permanência na relação	- .032
Aspetos sociais associados aos homens vítimas	.044

*p < .05

Nas diferentes subescalas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação aos EU que tiveram contacto direto com VRI que possam ter sofrido alterações ao nível das perceções acerca do fenómeno. No entanto, existe associação entre o contacto direto com VRI e o autorreconhecimento, o que significa que valores mais elevados da percepção em relação ao autorreconhecimento estão associados ao contacto direto com VRI ($R_{pb} = -.15$, $p = .027$), Tabela 8).

Contacto indireto com o fenómeno de VRI contra os homens

A média da pontuação total obtida pelos EU que mantiveram contacto indireto com a VRI revelou percentagens mais elevadas (52.2%) do que os que não mantiveram contacto indireto (47.8%).

Demonstrando também as médias percepções inadequadas, sendo que os EU que tiveram contacto indireto ($M = 1.79$; $DP = 0.34$), e os que não mantiveram contacto ($M = 1.75$; $DP = 0.46$). Não foram encontradas, no entanto diferenças estatisticamente significativas ($U = 5163.50$, $p = .851$) relativamente ao contacto indireto e o fenómeno de VRI.

Nas diferentes subescalas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação aos EU que tiveram contacto indireto e as percepções acerca do fenómeno de VRI.

A correlação entre a variável contacto indireto e cada subescala é de $R_{pb} = -.027$, mas o resultado não é estatisticamente significativo, $p = .698$.

Discussão

Este estudo permitiu aceder às percepções dos EU acerca da VRI contra homens a nível nacional, tendo demonstrado resultados preocupantes, uma vez que em média os participantes apresentaram percepções inadequadas sobre o fenómeno de VRI contra os homens ($M = 1.75$, $DP = 0.40$). Estes resultados corroboram com estudos internacionais existentes (Bryant & Spencer, 2003; Fierbert, 1996; Policastro & Payne, 2013). Além disso, sugerem que a educação igualitária (Prates, 2014; Henriques & Marchão, 2016) que se exerce ao longo dos últimos anos não tem surtido um efeito significativo, ou então ainda não seja notável nesta geração de EU. Não esperado, este estudo corrobora com estudos anteriores que confirmam que a percepção da comunidade em geral não perceciona a vitimação masculina como grave (Simon et al., 2001). Desta forma, a primeira hipótese deste estudo confirma-se “*EU apresentam percepções desajustadas face à VRI contra homens*”-, o que indica que parece ser necessário contrariar a estigmatização ainda existente, possivelmente com programas de sensibilização que não estão a atingir os jovens mais velhos.

No que diz respeito às subescalas os resultados demonstram percepções desadequadas, à exceção da subescala da denúncia, e do autorreconhecimento do homem como vítima. Uma vez que a amostra deste estudo é maioritariamente feminina (feminino = 81.5%; masculino = 18.5%) pode associar-se o facto de tanto homens como mulheres estarem minimamente mais sensíveis ao fenómeno (Crittenden et al., 2017), podendo traduzir a subescala da denúncia e do autorreconhecimento de forma ajustada.

Ao contrário da linha de pensamento em que a educação cada vez mais se concede de uma forma igualitária (Prates, 2014; Henriques & Marchão, 2016), neste estudo, não se encontraram diferenças significativas entre os sexos. Pois, segundo as gerações anteriores verificava-se uma perspetiva em que a educação era influenciada pelas esmagadoras desigualdades entre os géneros, reafirmando o papel da mulher como mais submissa ao homem (Bergano, 2012), o que não corrobora com este estudo. Posto isto, os homens ainda dominados pelas perspetivas patriarcais (Zuleta, 2006 citado por Valério, 2010), têm receio de denunciar pelas consequências que isso pode trazer ao nível das representações sociais (Valério, 2010; Hines & Douglas, 2009; Machado, Hines e Matos, 2016). Concluindo que este estudo não é consensual com a literatura quando diz que o sexo é um fator que influencia as percepções (Crittenden, 2017). Rejeitando-se assim a segunda hipótese “*EU do sexo feminino apresentam percepções*

mais ajustadas que o sexo masculino”. Um dado interessante, deveu-se ao resultado significativo relativo ao sexo feminino na subescala de homicídio conjugal em relação ao sexo masculino. O que significa que as mulheres mantiveram percepções mais ajustadas, corroborando com a literatura que assinala a dificuldade dos homens se reconhecerem como vítimas e de serem legitimadores deste tipo de violência (Aguillar, 2010; Figueiredo, 2010).

No que diz respeito à terceira hipótese “*EU com um nível mais avançado na carreira académica apresentam percepções mais ajustadas comparativamente aos EU com menos escolaridade*”, a média dos EU é desajustada em todos os anos escolares, rejeitando-se assim esta hipótese. Este estudo corrobora o estudo de Lameira (2013) onde não se verifica associação entre o ano escolar e as percepções em torno da VRI, contrariamente a outros estudos (Casimiro, 2002; Paiva, 2010; Smith, 1990 citado por Matos & Cláudio, 2010). No entanto a subescala de autorreconhecimento revelou diferenças estatisticamente significativas, concluindo que os EU do 5º ano apresentam percepções mais ajustadas em relação aos outros anos, o que pode estar associado à maior formação e sensibilização dos EU para o fenómeno como diz Machado (2005), podendo referir que nesta faixa etária mais elevada, os EU já possuem um nível de formação e possibilidade de interação com estas dinâmicas tanto pessoalmente como através de programas ou campanhas. Estas percepções podem indicar uma maior consciencialização do fenómeno ao nível da identificação como sendo um crime e que deve ser participado.

Na última hipótese deste estudo “*O contacto direto ou indireto com a VRI está relacionado com percepções mais ajustadas sobre o fenómeno*”, não existe correlação ao nível de influência nas percepções acerca do fenómeno. Tanto ao nível do contacto direto e indireto as percepções foram desadequadas, corroborando com o estudo de Lameira (2013). Rejeitando-se assim esta última hipótese. No entanto, encontrou-se uma correlação entre a subescala de autorreconhecimento e o contacto direto com o fenómeno de VRI, o que pode significar que a experiência de VRI pode traduzir-se na criação de estratégias interpessoais de forma protetora (Lameira, 2013), e não a criação de fatores de manutenção (Aguillar, 2010; Figueiredo, 2010), o que por sua vez, nos leva a concluir que a experiência de VRI diretamente, neste caso, não se constituiu como um forte preditor para a consciencialização do fenómeno. No estudo em geral, a subescala mais desadequada encontra-se o homicídio conjugal, em análise com as outras variáveis e

hipóteses. O que vai ao encontro da literatura quando refere que a vitimação masculina é desvalorizada em relação à vitimação feminina, referindo ser mais severa (e.g., Sorenson & Taylor, 2005; Dutton & White, 2013).

O presente estudo revela algumas limitações, pelo facto de o instrumento não estar validado e não apresentar propriedades psicométricas. Assim como, a amostra não é representativa nem homogénea ao nível do sexo, não nos permitindo ter noção de um universo muito claro acerca da opinião do sexo masculino; ao nível do ano que frequentam, comparando as percepções dos EU que frequentam o 1º ano ou o 5º ano; e ainda o tipo de ensino que frequenta, se privado ou público, percebendo a influência ao nível da educação associado a um nível socioeconómico mais baixo ou mais elevado. Como limitação do enquadramento teórico, deparamo-nos com a escassa bibliografia acerca das percepções dos EU.

Este estudo, pioneiro, é uma mais valia para a investigação deste fenómeno, uma vez que a nível nacional ainda não foi realizado com esta população. Com isto, é importante perceber com rigor onde está a origem destas percepções para investigações futuras (e.g. As percepções das famílias de origem têm influência nas percepções dos jovens; ou se as crenças são desenvolvidas ao longo da vivência de experiências diretamente ou indiretamente; ou até mesmo interiorizadas por influência cultural; de que forma as percepções se refletem nas relações que cada um possui). A pertinência deste estudo é sobre a compreensão das percepções dos EU acerca da VRI, para que seja possível perceber as origens das percepções desajustadas e intervir de forma primária, remodelando as representações e percepções que a sociedade construiu até aqui, em função dos comportamentos aprendidos ao longo do “novo” conceito de uma educação mais igualitária.

É também importante perceber se a educação está a ser bem aplicada no que diz respeito às novas adaptações de ensino em relação ao papel de género de forma mais igualitária espelhando-se ao longo do tempo nas expectativas sociais.

Descobrir e poder intervir de forma preventiva nas origens das percepções desadequadas seria uma medida de intervenção primária para evitar um crescente número de vítimas masculinas e femininas. Considerando-se assim imprescindíveis para investigações futuras a necessidade de compreender de que forma as percepções demonstradas por cada sexo, se refletem nas suas relações de intimidade. E ainda uma possível análise mais aprofundada se percepções que mantêm, sejam fruto de experiências vividas ou interiorizadas por influência cultural.

Levando-nos a concluir que é necessário um investimento em programas de componente preventiva, nomeadamente nas escolas com foco nos homens vítimas e do papel de vítima.

Referências

- Aguilar, R. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal. Estudo de validação do QRVC-HIS e do QVC-CMR com uma amostra da população geral*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6, 105-120. Retirado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1203/899>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2016). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2016*. Retirado de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2016.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2017). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2017*. Retirado de https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/1720-relatorio-anual-da-apav-2017-os-numeros-da-prevencao-apoio
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126, 651-680. doi:10.1037/0033-2909.126.5.651
- Barroso, Z. (2008). Violência nas Relações Amorosas. *Atas- VI Congresso Português de Sociologia*, 2-11, Lisboa. Retirado de <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/597.pdf>.
- Bergano, S. (2012). *Ser e tornar-se mulher: Geração, educação e identidade(s) Feminina (s)*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.
- Breiding, M., Chen, J., & Black, M. (2014). *Intimate Partner Violence in the United States- 2010*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Bryant, S., & Spencer, G. (2003). University students' attitudes about attributing blame in domestic violence. *Journal of Family Violence*, 18, 369–376. doi:10.1023/A:1026205817132
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*. Coimbra: Edições Almedina.

- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (24), 485-493. Retidado de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/viewFile/541/pdf>
- Carvalho, G. (2016). Homens vítimas de violência doméstica e homicídio conjugal: Perceções das forças policiais, Dissertação em Mestrado em Psicologia Aplicada, Universidade do Minho, Braga
- Casimiro, A. T. (2002). Representações sociais de violência conjugal. *Análise Social*, XXXVII (163), 603-630.
- Casimiro, C. (2013). Violência feminina: a fase oculta da violência no casal. *Revista de Associação Portuguesa de Sociologia*, 6
- Conde, A. & Machado, C. (2010). Violência conjugal: Representações e significados no discurso mediático. *Psicologia*, Vol. XXIV (1), *Edições Colibri*, Lisboa, pp. 17-47
- Cornelius, T., Resseguie, T. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: a review of the literature. *Aggression and Violent behavior*, 12, 364-375. [doi:10.1016/j.avb.2006.09.006](https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.09.006). [doi:10.1016/j.avb.2006.09.006](https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.09.006)
- Costa, D., Hatzidimitriadou, E., Joannidi-Kapolou, E., Linder, J., Soares, J., Sundin, O., Toth, O., Barros, H. (2014). Intimate partner violence and health-related quality of life in European men and women: findings from the DOVE study. *Springer International Publishing Switzerland*, 24, 463–471 doi:10.1007/s11136-014-0766-9
- Crittenden, C. A., Policastro, C., & Eigenberg, H. M. (2017). Attitudes Toward Dating Violence: How Does Sexual Identity Influence Perceptions Among College Students? *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(7), 804-824. doi:10.1080/10926771.2017.1328473
- Desmarais, S., Reeves, K., Nicholls, T., Telford, R., & Fiebert, M. (2012). Partner Abuse, 3(2) Retirado de <http://www.ingentaconnect.com/content/springer/pa>
- Dutton, D., White, K., (2013). Male victims of Domestic violence. *New male studies: An international journal*. (2). 5-17
- European Commission (2016). Eurobarometer 449 – Gender based Violence, Protection Directorate General.
- Fiebert, M., (1996). College Students' Perception of men as victims of women's assaultive behavior. *Perceptual and Motor Skills*, 82, 49-50. doi: 10.2466/pms.1996.82.1.49

- Figueiredo, J. F. S. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de agressores*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Franco, A., & Almeida, L. (2011). *O lugar do pensamento crítico no ensino superior pós bolonha: dados empíricos e considerações teóricas*. Projeto de investigação pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia Universidade do Minho
- Gelles, R., (1980). Violence in the family: A review of research in the seventies. *Journal of Marriage and Family*, 4(42). Doi: 10.2307/351830
- Gover, A., Kaukinen, C., Fox, K. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal Interpers Violence*, 23. Doi: 10.1177/0886260508314330
- Hearn, J., & McKie, L. (2010). Gendered and social hierarchies in problem representation and policy processes: "domestic violence" in Finland and Scotland. *Violence Against Women*, 16(2), 136-158.
doi:10.1177/1077801209355185
- Henriques, H., & Marchão, A. (2016). Educação para a igualdade de género: leituras a partir da realidade de cinco jardins de infância do distrito de Portalegre, Portugal. *Foro de Educación*, 14(20), 339-360. doi: <http://dx.doi.org/10.14516/fde.2016.014.020.017>
- Hines, D. A. & Douglas, E.M. (2010) A closer look at men who sustain intimate terrorism by women. *Partner Abuse*, 1(3), 286-313
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2011). Symptoms of posttraumatic stress disorder in men who sustain intimate partner violence: A study of helpseeking and community samples. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(2), 112-127
- Hines, D. A. & Douglas, E.M. (2015). Health problems of partner violence victims: Comparing hel-seeking men to a population-based sample. *American Journal of Preventive Medicine*, 2(48). 136-144
- Lameira, T. (2013). *Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra
- Langhinrichsen-Rohling, J., Shlien-Dellinger, R. K., Huss, M. T., & Kramer, V. L. (2004). Attributions about perpetrators and victims of interpersonal abuse:

- results from an analogue study. *Journal of Interpers Violence*, 19(4), 484-498.
doi:10.1177/0886260503262084
- Luthra, R. & Gidycz, C. (2006). Dating violence among college men and women: Evaluation of a theoretical model. *Journal Interpers Violence*, 21, 717-731. doi: 10.1177/0886260506287312
- Locke, L., Richman, C., (1999). Attitudes toward domestic violence: Race and gender issues. *Sex Roles*, 40(314)
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicologica*, 33, 69-83.
- Machado, A., (2016). *Intimate partner violence against men: from charestteristics to their meanings*. Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada, Universidade do Minho
- Machado, A. & Matos, M. (2014). Homens vitimas na intimidade: análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 726-736
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2016). Help-seeking and needs of male victims of intimate partner violence in Portugal. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(3), 255-264 doi: 10.1037/men0000013
- Matos, T., Cláudio, V. (2010). *Crenças acerca da violência doméstica em diferentes classes profissionais ligadas à elaboração e execução da legislação em vigor*. Actas VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa
- McDermott, R. (2013). College Men's Intimate Partner Violence Attitudes: Contributions of adult attachment and gender role stress. *Journal of Counseling Psychology*. 60(1), 127-136
- Ministério da Administração Interna (2016). *Relatório Anual de Segurança Interna* (RASI)
- O'Keefe, M. (1998). Factors Mediating the Link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*. 1(13),
- Paiva, L. S. M. (2010). *Violência conjugal: representações sociais e atribuições numa amostra de estudantes de Psicologia do Mestrado Integrado*. Dissertação não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologia*, 36, p. 75-107. Retirado de: <http://www.scielo.org/pdf/rsp/c37n1/13539.pdf>
- Prates, M. (2014). *Educação para a igualdade de género: um estudo de caso numa instituição de educação de infância*. Dissertação para conclusão de mestrado em Educação e proteção de crianças e jovens em risco, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre
- Policastro, C., & Payne, B. K. (2013). The blameworthy victim: Domestic violence myths and the criminalization of victimhood. *Journal of Aggression, Maltreatment, & Trauma*, 22(4), 329–347. doi:10.1080/10926771.2013.775985
- Randle, A., Graham, C., (2011). A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of Men & Masculinity*, 12, 97-111. doi: 10.1037/a0021944
- Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., Dias, T. (2011). Práticas e comportamentos de vitimação na relação de namoro em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Education Psychology. INFAD Revista de Psicologia*, 1(4), 197-206
- Sebastião, C. (2014). *Perceção de estudantes universitários acerca da penalização do homicídio conjugal*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade do Minho, Minho
- Simon, T., Anderson, M., Thompson, M., Crosby, A., Shelley, G., Sacks, J. (2001). Attitudinal acceptance of intimate partner violence among U.S. adults. *Violence and Victims*, 2 (16). Doi: 10.1891/0886-6708.16.2.115
- Sorenson, S. B., & Taylor, C. A. (2005). Female aggression toward male intimate partners: An examination of social norms in a community-based sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29(1), 79-96.
- Straus, M. A. (2007). *Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations*. Family Research Laboratory, University of New Hampshire
- Taylor, B. G., & Mumford, E. A. (2016). A national descriptive portrait of adolescent relationship abuse: Results from the national survey on teen relationships and intimate violence. *Journal of Interpersonal violence*, 31(6), 963-988. doi: 10.1177/0886260514564070

Taylor, C. A., & Sorenson, S. B. (2005). Community-based Norms about Intimate Partner Violence: Putting Attributions of Fault and Responsibility into Context. Retirado de: http://repository.upenn.edu/spp_papers/76